

Daniel estava sentado na sua cadeirinha, no banco de trás do carro, com o motor ligado.

O pai, Rudi Keet, entrou em casa um instantinho para buscar algo. Então, ele e a mulher ouviram a porta do carro bater...

Cadê

FOTOGRAFADO POR DE KEES TABAK
ILUSTRAÇÕES DE TRUDY MICHELS



Por Marjo van Lijssel

o meu bebê?

Rudi e Katja Keet mal podiam esperar para visitar os amigos que moravam em Assen, cidade em outra região dos Países Baixos. Seria uma das primeiras vezes, desde o nascimento do filho havia seis meses, que a família inteira viajaria. São 7:30 da manhã de sábado, 26 de setembro de 2009. A bagagem da família está empilhada no saguão da casa em Utrecht, à espera de ser colocada no carro: cercadinho portátil, roupas, fraldas e brinquedos. Katja, 32 anos, está na cozinha, enquanto Rudi, 37, magro e atlético, começa a pôr tudo no carro.

O veículo, um Volvo S40 preto, está estacionado diante da casa, na Rua Ondiep, no bairro do mesmo nome, a um pulinho do centro da cidade. Já dá para sentir o cheiro das folhas de outono no ar frio da manhã. Rudi liga o carro para esquentar o motor. Quando está tudo pronto, ele põe Daniel no banco de trás, de onde o alegre garotinho o olha inquisitivo da sua cadeirinha.

Há cinco anos, Rudi, analista de sistemas, conheceu a russa Katja, sua mulher, em Kirov, onde ela nasceu, mil quilômetros a leste de Moscou, nos Montes Urais. Um amigo e colega pediu a Rudi que o acompanhasse até essa cidade de tamanho mediano, numa visita à família. Na véspera do Natal de 2005, Rudi viajava com o amigo numa van. Tinham planejado uma excursão e iam buscar em casa os membros da família.

“Estávamos brincando quando a porta da van se abriu”, diz Rudi. “Pela abertura, vi uma moça com um enorme casaco de pele e um chapéu, também de

pele, na cabeça. De repente, gritei em holandês: ‘Aquela é a mulher com quem vou me casar!’ Foi estranhíssimo; eu simplesmente soube, bem ali.” Rudi estava certo quanto aos seus sentimentos. Há três anos eles se casaram, e a união foi abençoada com um lindo bebê: Daniel.

Com Daniel bem acomodado no banco de trás do carro e o motor ligado, Rudi corre um instantinho até a sala, a poucos metros de distância. “Vamos, Katja, vamos embora!” A bonita e jovem mãe apaga a luz da cozinha e vai atrás do marido. Nesse instante, ouvem a porta do carro bater. Rudi se vira e vê um estranho de uns 30 anos sentado ao volante do carro da família. Enquanto corre na direção do carro, o jovem pai olha o ladrão nos olhos. Então o homem pisa firme no acelerador. “Meu bebê! Meu bebê!”, gritam Rudi e Katja, correndo atrás do carro. O estranho sai a toda e vira à esquerda no fim da rua, com o pequeno Daniel rindo alegre no banco de trás.

Há um táxi esperando no próximo cruzamento, bem diante de um ponto de ônibus. Rudi corre até o táxi exatamente na hora em que ele se afasta do meio-fio. Aponta o carro a distância e, sem fôlego, tenta explicar o que aconteceu. O motorista lhe faz um sinal para entrar no carro e começa a perseguição. Mas, no cruzamento seguinte, o carro com Daniel vira repentinamente à esquerda enquanto Rudi e o táxi entram à direita.

Katja, que assiste a tudo de longe, faz sinal para um ônibus. Embarca e

pede ao motorista: “Chame a polícia! Chame a polícia! Alguém acabou de roubar o nosso carro com nosso filho dentro!” O motorista a olha sem entender nada. De repente, Katja percebe que falou em russo. Com o seu melhor holandês, tenta explicar o que aconteceu. Na mesma hora, o motorista chama a polícia, mas diz que não pode esperar porque tem de cumprir horário. Katja desce do ônibus, que se afasta. Fica em pé sozinha no meio-fio de uma rua movimentada. O tráfego corre à sua volta, e ela sente o chão lhe faltar sob os pés. Talvez o seu Daniel tenha sumido para sempre.

Enquanto isso, o alarme sobre o carro roubado e o bebê sumido chegou ao departamento de polícia. Rudi nota que por toda parte há carros da polícia com a sirene ligada. O celular toca. É um policial pedindo que ele pare no próximo posto de gasolina para se transferir para um carro da polícia. Rudi continua a louca caçada, agora em companhia de duas policiais. Nisso, os seus nervos já estão em frangalhos. *Por que está demorando tanto?*, pergunta-se, tomado por uma profunda impotência.

Katja volta para casa. A porta da frente ainda está aberta. Com toda a

“A pista ainda está quente”, diz Katja quando Rudi entra ladeado por duas policiais. “Você tem de continuar procurando!”

– Volte, você está indo no sentido errado! – grita Rudi, sentado ao lado do motorista do táxi. – Veja, eles estão lá! Olhe! – Rudi observa o carro com o filho Daniel no banco de trás se afastar velozmente. O motorista gira o volante e dá meia-volta o mais depressa possível. Nisso, o carro roubado some numa rua lateral.

– **Droga!** – grita o motorista, com lágrimas nos olhos, as mãos trêmulas segurando o volante. – Não vamos parar enquanto não o acharmos – diz ele a Rudi com um jeito paternal. – Vamos procurar até achar o seu menino.

comoção, se esqueceram de fechá-la. Assim que entra na sala, Katja cai de joelhos e começa a rezar. Dali a uns 15 minutos, chega Rudi com as duas policiais. Nisso, já são dez para as oito.

“Cadê o Daniel?”, pergunta ela. Rudi se cala. Para ele, é difícil esconder a emoção. “Você tem de continuar procurando!”, implora Katja. “A pista ainda está quente.”

As policiais insistem para que Rudi e Katja as acompanhem até a delegacia, embora o casal não queira. “Não entendo o que vamos fazer lá”, diz Katja. “Quero procurar Daniel! Só isso e nada mais.” Durante anos, Katja fora

policial em Kirov, sua cidade natal. Por isso a jovem loura sabe exatamente o que acontece numa situação dessas. Mas, agora que é a vítima, acha difícil manter a calma.

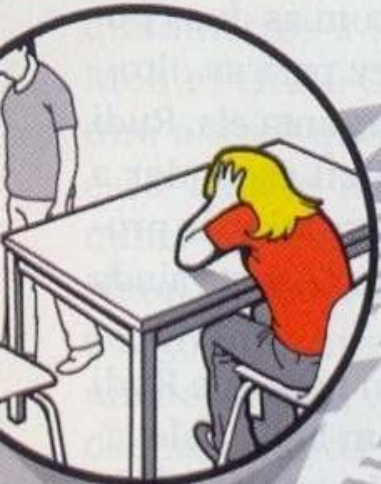
Todas as estações de rádio transmitem a notícia sobre o desaparecimento de Daniel. A polícia prepara o Alerta Âmbar, sistema nacional usado em casos urgentes com o envolvimento de crianças desaparecidas. Rudi e Katja ficam sentados na fria sala de espera da delegacia, sozinhos e totalmente impotentes. “Parece tão irreal”, diz Rudi, horrorizado. Agarram-se a todos os pensamentos positivos, por mais improváveis que sejam. Para que um ladrão de carros ia querer um bebê? E se essa não fosse a intenção dele?

No bairro próximo de Overvecht, a quatro quilômetros da casa da família Keet, Mehmet Toprak, 37 anos, a mulher, Rabia, 35, e a irmã, Fátima, 32, des-

cem a rua. São mais ou menos 8:15 da manhã. Eles se dirigem para a loja da família, o Toprakmarkt, supermercado turco na Avenida Ganges. Enquanto Mehmet abre a porta da loja, Rabia avista uma cadeirinha de bebê na beirada da calçada, a uns 20 metros. Cutuca a cunhada. Os três vão até a cadeirinha, surpresos de vê-la ali. Uma cabeça de bebê aparece acima do assento. Não se mexe e eles não escutam som nenhum. A rua está completamente deserta. Quando se aproximam, veem um bebezinho louro sentado. “Deve estar morrendo de frio”, diz Rabia. O bebê, que veste apenas camiseta e calças *jeans* – e a temperatura ao ar livre é de 6° C –, já começa a ficar com olheiras azuladas.

Rabia, Mehmet e Fátima não hesitam. A criança parece muito mal. Rabia a

Rudi e Katja se sentem impotentes enquanto aguardam notícias na delegacia.



O bebê Daniel ri contente no banco de trás.



Katja para um ônibus no cruzamento.



Ondiep

Laan van Chantroy

CENTRO

pega no colo e a leva para a casa, no outro quarteirão, com o marido e a cunhada. Enrolam o bebê em cobertores quentes, e Fátima, que acabou de ter um filho, lhe troca a fralda e esquenta uma mamadeira, enquanto Mehmet chama a polícia. “Não dá para acreditar que alguém deixaria um bebezinho na rua. Se tivéssemos chegado dez minutos depois, talvez ele não sobrevivesse”, diz Rabia, que fica aliviadíssima quando, dali a alguns minutos, a cor volta ao rosto do bebê e ele começa a mexer as perninhas e os bracinhos.

Na delegacia, Rudi e Katja estão cada vez mais tensos. Rudi anda de um lado para outro. Tenta analisar passo a passo os motivos do ladrão. Katja está colada na cadeira. Os cotovelos apoiados na mesa, ela deita a ca-

beça nas mãos. “É como se eu estivesse num pesadelo e não conseguisse acordar.” De repente, a porta se abre. Uma policial entra na sala e lhes diz que uma família turca encontrou um bebê, mas que ainda não sabem se é Daniel. O policial Thomas Aling, 41 anos, da força policial de Utrecht, está de plantão naquele dia. Logo depois que chega a notícia do bebê, ele vai à casa da família Toprak. O policial alto e louro teve de controlar a emoção ao ver a família cuidando do bebê como se fosse seu filho. Aling leva a criança para a delegacia.

Quando uma policial entra com a cadeirinha, Rudi reconhece o filho imediatamente. Katja corre para Daniel. Segura-lhe as mãozinhas e confere os dedinhos das mãos e dos pés.

Rudi pula dentro de um táxi.



Gangesdreef



A família Toprak encontra uma cadeirinha na calçada.



Rudi continua a busca no carro da polícia.



Katja e Rudi são muito gratos a Mehmet e Rabia Toprak (esquerda e direita), que cuidaram de Daniel.

Katja abraça Daniel e segura o filho com força: “Não dá para acreditar!”

“Não dá para acreditar!”, diz, com lágrimas nos olhos. Ela abraça Daniel e o segura com toda a força. Rudi observa a cena a distância. Sente-se confuso, porque acha que poderia ter evitado tudo aquilo. *Sou eu o responsável por esse pesadelo, pensa.*

Em casa, familiares preocupados cercam Rudi, Katja e Daniel. Dali a algumas horas, a polícia encontra o carro roubado. O ladrão ainda não foi preso. “Fizemos uma investigação no bairro atrás de alguma pista”, diz o policial Aling. “Mas só conseguimos a informação de que o homem era moreno e parecia ter pouco menos de 30 anos.”

De acordo com o policial, é comum roubarem carros deixados com o motor ligado. Um caso típico é quando alguém sai um instantinho do carro para pôr uma carta na caixa do correio. “A polícia aconselha a todos que nunca deixem a chave na ignição, nem por um instante.”

Embora Rudi e Katja estejam felicíssimos porque tudo acabou bem, depois do roubo não se sentem mais seguros em casa, principalmente porque o ladrão não foi preso.

– É provável que ele more aqui perto – diz Katja. – É bem possível que estivesse escondido atrás de outro carro estacionado, esperando a hora certa.

Rudi também se incomoda com a falta de pistas do ladrão:

– Eu o reconheceria imediatamente. Antes que partisse com Daniel no banco de trás, nós nos olhamos bem nos olhos. O rosto dele está gravado na minha memória.

Na quarta-feira seguinte, 30 de setembro de 2009, quatro dias depois do incidente, dezenas de jornalistas se reúnem diante do supermercado de Mehmet e Rabia Toprak. Hoje, eles vão conhecer os pais de Daniel.

– Como será que são? – pergunta Mehmet, que aguarda na frente da loja com Rabia e Fátima.

Está um pouco nervoso. Dali a alguns minutos, um carro estaciona no

meio-fio em frente à loja. Rudi e Katja, com Daniel no colo e um enorme buquê de flores, saem do carro. Andam na direção das pessoas que salvaram o menino. Katja dá um grande abraço em Rabia e começa a chorar.

– De hoje em diante, você é a segunda mãe de Daniel – diz ela, enxugando as lágrimas. – Será sempre bem-vinda em nossa casa.

Alegre, Daniel olha em volta; é visível que gosta da atenção que recebe de todos os presentes.

– Mais tarde, quando ele tiver idade para entender, vamos lhe contar o que aconteceu – diz Rudi.

– É como se fosse nosso filho – diz Rabia, fazendo um carinho no menino.

O SEGREDO DO SUCESSO

Eu estava casada há pouco tempo e confiava na minha capacidade de cozinhar. Meu marido gostava de tudo o que eu fazia, exceto da minha torta de maçã. Experimentei várias receitas, com todos os tipos de maçãs e especiarias. Ele dizia que a torta estava sempre boa, “mas não era igual à da mamãe”. Certa vez, em uma reunião de família, perguntei à minha sogra qual era a sua famosa receita da torta de maçã.

– Que receita? Eu uso massa congelada e maçãs em conserva! – disse ela.

Sandra Woodhouse, Canadá



Durante os preparativos de um jantar de família, meu neto, que é especialista em sobremesas, se ofereceu para fazer um bolo. Deixou a folha da receita com a mãe para que ela comprasse os ingredientes. Depois de ler toda a lista e a informação sobre temperatura e tempo de cozimento, a mãe viu uma estranha observação: “Não esquecer de fechar a porta do forno!!”

Leonora D. Pope, Canadá